



Casamento cristão: o resgate do fundamento bíblico como solução para a crise emocional

The christian wedding: the rescue of the biblical beliefs as a solution for emotional crisis

Gildene do Ouro Lopes Silva¹

Graciela Erika Groger²

Resumo / Abstract



presente artigo apresenta algumas reflexões sobre as afinidades existentes entre as formas de inteligência emocional e existencial/espiritual, bem como a importância dessas inteligências na busca da solução para a crise emocional entre casais cristãos. Os pressupostos teóricos analisados se baseiam na teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner, em especial os conceitos de inteligência emocional e inteligência existencial/espiritual. Além disso, as quatro aptidões de uma pessoa emocionalmente inteligente, abordadas pelo psicólogo Daniel Goleman em sua obra *Inteligência Emocional* são comparadas, ao longo do texto, com princípios bíblicos análogos. Observou-se a partir dessas reflexões, a possibilidade de que os casais emocionalmente e

¹ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Assessora Pedagógica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Docente da pós-graduação em docência do ensino superior e do curso de Pedagogia. E-mail: gildene.lopes@unasp.edu.br

² Jornalista, especialista em Aconselhamento Familiar pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: graciela.groger@unasp.edu.br

espiritualmente inteligentes terão mais chances de alcançar um maior índice de satisfação conjugal.

Palavras-chave: Inteligência emocional; Inteligência espiritual; Casamento; Bíblia



This article presents some thoughts about the similarities between the types of the emotional intelligence and existential/spiritual intelligence, and also their importance as christian couples search for solutions for emotional crisis. The theoretical assumptions analysed are based on the theory of the multiple intelligences of Howard Gardner, specially on the emotional and existential/spiritual intelligences. Also, the four abilities of an emotionally intelligent person discussed by the psychologist Daniel Goleman in his work *Inteligência Emocional* are compared to analogue biblical principles. Parting from these considerations, it was observed that the emotionally and spiritually intelligent couples will have more chances to reach a higher level of satisfaction.

Keywords: Emotional intelligence; Spiritual intelligence; Wedding; Bible



A expressão inteligência emocional parece ter sido proposta, pela primeira vez, na tese de doutorado do pesquisador Wayne Payne, em 1985. É sabido também que, a partir de 1990, o assunto foi ampliado nos estudos de Peter Salovey e John D. Mayer. Cinco anos mais tarde, tornou-se tema de vários livros, a exemplo do notório sucesso editorial intitulado *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman.

A partir de então, tem crescido o interesse de divulgação sobre a inteligência emocional, tanto por instituições acadêmicas, por meio de produções científicas, bem como periódicos populares. A investigação sobre a inteligência emocional é sempre renovada pelo interesse manifestado por muitos pesquisadores de alimentarem, cada vez mais, as possibilidades de comprovar a sua importância para o desenvolvimento pessoal e social (PAVÃO, 2003). Segundo Reis (2006, p. 270), “na ebuliente importância que o conceito de inteligência emocional realiza e move, evidencia-se, claramente, a esperança e, muitas vezes, a sagacidade do seu aproveitamento”.

A procura por entender a capacidade individual de controlar as emoções já havia sido percebida na teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner, em 1983, quando ele introduziu os conceitos de inteligência intrapessoal

(capacidade de compreender a si mesmo e de apreciar os próprios sentimentos, medos e motivações) e de inteligência interpessoal (capacidade de compreender as intenções, motivações e desejos dos outros). No entanto, Goleman ressalta que existe uma dimensão pouco explorada por Gardner e alerta que a teoria das múltiplas inteligências tem como base um modelo mental apoiado na ciência cognitiva, na qual existe uma ênfase maior no aprendizado do sentimento, faltando um aprofundamento maior no papel do sentimento nessas inteligências. “E deixa de lado o que há de inteligência nas emoções e o que há de emocional na inteligência” (GOLEMAN, 2007, p. 52).

Além disso, esse autor chamou a atenção para o fato de que o desenvolvimento apenas das habilidades intelectuais não garante o alcance do sucesso, felicidade e realização pessoal. Assim sendo, Goleman difundiu o conceito, ainda pouco explorado, denominando-o de quociente emocional (QE), que permite avaliar a inteligência emocional, da mesma maneira que o quociente intelectual (QI) avalia o intelecto.

Dessa forma, ao considerar que existem vários conceitos derivados da inteligência, e que são sempre redefinidos, vale retomar algumas reflexões sobre a inteligência segundo Gardner. Em 10 de maio de 2009, entrevistado pela revista *Época*, o psicólogo afirmou que sua lista de inteligências está crescendo:

129

Através de pesquisas extensas, concluímos que possuímos vários tipos de habilidades distintas. Em 1983, descrevemos sete formas de inteligência que reuni em meu livro sob o nome de teoria das inteligências múltiplas. Recentemente adicionei uma oitava, a inteligência naturalista e agora estamos pensando no que seria a nona: a inteligência existencial (GARDNER, 2001).

Considerando esse último desdobramento, segue abaixo um breve resumo das oito formas de inteligência segundo Gardner (2009):

1) *Inteligência linguística* — a capacidade de usar palavras de forma eficaz, quer oralmente, quer escrevendo.

2) *Inteligência musical* — a capacidade de perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais.

3) *Inteligência lógico-matemática* — a capacidade de usar os números de forma efetiva e de raciocinar bem.

4) *Inteligência espacial* — a capacidade de perceber com precisão o mundo e de realizar transformações a partir dessas percepções.

5) *Inteligência sinestésica* — a perícia no uso do corpo todo para expressar ideias e sentimentos, bem como a facilidade no uso das mãos para criar ou transformar coisas.

6) *Inteligência interpessoal* — a capacidade de perceber e distinguir o humor, intenções, motivações e sentimentos de outras pessoas.

7) *Inteligência intrapessoal* — o autoconhecimento e a capacidade de agir de forma adaptativa com base nesse conhecimento.

8) *Inteligência naturalista* — a sensibilidade para compreender e organizar os objetos, fenômenos e padrões da natureza, bem como a capacidade de adaptar-se aos diferentes ambientes.

Em relação à inteligência existencial, Gardner (2010) afirmou em entrevista concedida em 2010 ao Jornal Mundo Jovem, da PUC: “A inteligência existencial ainda está em processo de investigação. Estou “procurando evidências de que há partes do cérebro que lidam com fenômenos como questões existenciais” (GARDNER, 2010).

No artigo intitulado “In a Nutshell” sobre inteligências múltiplas, Gardner comenta que em sua revisão das evidências sobre a espiritualidade, descobriu que os indivíduos mantêm opiniões muito fortes sobre a religião e espiritualidade. Para muitas pessoas, as experiências do espírito são as mais importantes, elas assumem que uma inteligência espiritual não somente existe, mas representa a mais alta realização dos seres humanos. Outras, no entanto, em especial aquelas ligadas à pesquisa científica, não conseguem levar a sério qualquer discussão sobre espírito ou alma; para elas, esse é um assunto que pertence ao campo do misticismo. Tal concepção pode conduzir a um profundo ceticismo com respeito a Deus e à religião.

Ainda, Gardner cita que para a maioria dos observadores, a espiritualidade implica em um determinado conjunto de reações, tais como a sensação de que se está em contato com um ser ou mundo superior. No entanto, esses sentimentos, segundo esse autor, podem ser bons, mas não os reconhecem como indicadores válidos de uma inteligência. Já para muitas pessoas, a espiritualidade é indissociável de uma crença, seja ela qual for. Ou seja, só um verdadeiro religioso seria um ser espiritual. Para Gardner (2001), essa ideia não satisfaz o conjunto inicial de critérios por uma inteligência espiritual.

Dessa forma, se a inteligência espiritual não atende aos seus critérios, Gardner (2001) a chama de inteligência existencial, que se baseia na tendência de o ser humano refletir sobre as questões mais fundamentais da existência: “por que vivemos”, “por que morremos”, “para onde vamos”? O autor considera

que essas questões transcendem a percepção e dizem respeito a elementos que são muito grandes ou muito pequenos para ser percebidos pelos cinco principais sistemas sensoriais, ou seja, faltam evidências de que as partes do cérebro estão especialmente preocupadas com essas questões profundas da existência. Por isso, ele ainda hesita em inserir essa nona inteligência em sua lista.

Diante dessas considerações, este artigo apresenta algumas reflexões sobre as afinidades existentes entre as formas de inteligência emocional e existencial/espiritual. Além disso, chama a atenção para a importância dessas inteligências na busca da solução para a crise emocional entre casais cristãos, tendo em vista o resgate do fundamento bíblico. Como lembra o pesquisador Andreas Köstenberger (2011), Deus é o centro de qualquer relacionamento saudável e satisfatório.

A inteligência espiritual no contexto cristão

Em ensaio publicado no *The International Journal for the Psychology of Religion* (2000), Robert Emmons (2000, p. 48), neuropsicólogo da Universidade da Califórnia, defende a inteligência existencial/espiritual (QS). Conhecido por seus estudos e investigações sobre neuropsicologia e religião, ele afirmou no mesmo ensaio que “a inteligência espiritual possibilita ao possuidor um íntimo contato com o transcendente, ou o que chamamos de divino”.

Segundo esse pesquisador, quando uma pessoa espiritualmente inteligente é capaz de harmonizar o terreno com o transcendente, a inteligência espiritual exerce forte influência na formação de cidadãos produtivos para a sociedade e para cultura.

Em paralelo com o pensamento de Emmons, a especialista em física quântica e filósofa norte-americana Danah Zohar (2008) afirma que uma pessoa com alto quociente espiritual (QS) possui acurado senso de direção e finalidade, o que lhe possibilita ter uma vida mais plena de sentido. Em outras palavras, desenvolver inteligência espiritual amplia os horizontes do ser humano, tornando-o mais criativo, sensível, solidário etc. Trata-se de uma forma de inteligência que está ligada à necessidade humana de agir e de ter experiências num contexto mais amplo de sentido e valor. Em sua obra *Deus, Casamento e Família*, Köstenberger (2011, p. 23) faz a seguinte declaração:

Só teremos clareza e força para nos elevar acima de nossas limitações naturais e seguir em toda plenitude o plano de Deus para os relacionamentos humanos, quando percebermos como os ensinamentos bíblicos acerca das relações humanas são interligados e têm como fonte comum o criador e seus propósitos, sábios e benéficos, para homens e mulheres.

De acordo com esse autor, todo cristão que estiver disposto a interagir de maneira profunda com as Escrituras terá uma melhor compreensão da vontade de Deus para o casamento e a família. Tal prática pode conduzir cada cônjuge a administrar de maneira mais eficaz as diversas inquietações e crises emocionais tão comuns hoje em dia na vida dos casais.

O conselheiro matrimonial Gary Chapman (2007) lembra que os versículos 27 e 28 do capítulo 1 do livro de Gênesis constituem o fundamento bíblico para a origem divina do matrimônio. Assim, o casamento cristão não é apenas uma convenção humana ou um costume cultural, mas sim, uma instituição divina originada na mente de um Deus criador.

O casamento, portanto, constitui a resposta de Deus à necessidade mais profunda do gênero humano: a união da vida de uma pessoa com outra. Deve abranger todos os aspectos da existência, ou seja, o intelectual, social, espiritual, emocional e físico: “Esse tipo de união não pode existir sem o compromisso duradouro que Deus espera acompanhar o casamento” (CHAPMAN, 2007, p. 42).

Considerando que a Bíblia apresenta a necessidade da sujeição do pensamento humano à vontade de Deus, é adequado concluir que o casal deve buscar motivação e inspiração no próprio Deus a fim de manter o padrão bíblico estabelecido no Éden. É o que sustenta Maria do Carmo Rabello (2008, p. 57), em sua obra *Inteligência espiritual: a nova dimensão para a vida plena*. Segundo essa autora, a inteligência espiritual, na vida dos cristãos, está diretamente ligada à ação do Espírito Santo. O mecanismo da inteligência espiritual é o mesmo que utilizamos no exercício natural do raciocínio humano, diferindo apenas os princípios que estão na base do raciocínio espiritual: “O que temos de concreto e que pode nos dar embasamento e orientação é a palavra de Deus que, uma vez aceita pela fé, nos dá uma visão plena e compreensível da espiritualidade em toda a sua extensão” (RABELLO, 2008, p. 83).

Nesse sentido, Köstenberger (2001, p. 161) cita o capítulo 5 do livro de Efésios como exemplo a ser seguido pelos cristãos de hoje: “Enchei-vos do Espírito” (5:18). O convite é para que todos os cristãos empunhem a espada do Espírito e orem no Espírito. Segundo o autor, ao colocarem em prática a fé cristã no casamento e na família, os cristãos devem reconhecer

que, sem o auxílio do Espírito Santo, sua natureza pecaminosa os levará a se rebelar contra os planos de Deus.

A inteligência emocional e a Bíblia

A partir de pesquisas sobre as inteligências interpessoal e intrapessoal propostas por Gardner, Goleman (1995) observou que pessoas com o quociente emocional (QE) elevado podem alcançar maior satisfação pessoal e sucesso do que as pessoas que somente desenvolveram o quociente intelectual (QI).

Essa ideia chamou tanto a atenção, que no mês de outubro do mesmo ano em que lançou o livro já citado, chegou a ser capa da revista *Time*, cuja chamada apresentava ao leitor a pergunta: “Qual é o seu QE?” A partir daí, o tema despertou um interesse cada vez maior da sociedade. Com a colaboração da mídia, milhares de pessoas ao redor do mundo buscaram na inteligência emocional uma nova forma de alcançar sucesso, felicidade e realização. No Brasil, o livro também foi bem recebido e, dez anos após o lançamento, 500 mil cópias já haviam sido vendidas. Atualmente, cerca de um milhão de exemplares circulam pelo país.

Goleman (2007) define a inteligência emocional como a maneira pela qual as pessoas lidam com suas emoções e com as das pessoas ao seu redor. Isto implica autoconsciência, motivação, persistência e empatia. Pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentir satisfeitas e de ser eficientes em sua vida, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de lucidez de pensamento. “Esta é uma maneira alternativa de ser esperto, não em termos de QI, mas em termos de qualidades humanas do coração” (GOLEMAN, 2007, p. 32).

Na obra *Desenvolva sua inteligência emocional*, Travis Bradberry e Jean Graves reproduzem o modelo apresentado por Goleman, Richard Boyatzis e Annie McKee na obra *O poder da inteligência*. De acordo com o modelo, as quatro aptidões da inteligência emocional são: a autoconsciência, o autocontrole, a consciência social e a administração de relacionamentos (GOLEMAN; BOYATZIS; MCNEE *apud* BRADBERRY; GREAVES, 2007, p. 27). A autoconsciência e o autocontrole referem-se mais ao “eu”, enquanto a consciência social e a administração de relacionamentos estão ligadas à interatividade com outras pessoas. Embora todos esses conceitos tenham sido recebidos como revolucionários e impactantes (e, em

alguma medida, ainda sejam assim considerados), cristãos, estudiosos e seguidores da Bíblia já possuíam conhecimento prévio sobre a importância de desenvolver as habilidades sociais, emocionais e espirituais, mesmo sem classificar nominalmente tais aptidões como o fez Goleman. Sobre isso, Chapman (2008, p. 8-10) declara o seguinte:

Poucas coisas são tão relevantes à igreja contemporânea do que cuidar das nuances que envolvem as relações familiares e sociais. Não apenas possuímos habilidades para desenvolver uma autocompreensão, coisa que os não cristãos também possuem, como também adquirimos discernimento por meio da Escritura e contamos com o Espírito Santo para nos auxiliar a interpretar a vida e conduzir nossos pensamentos e comportamentos.

É indispensável dizer que muitos são os fatores que influenciam no resultado da inteligência emocional — os traços de personalidade, as experiências da infância, a educação recebida na família e situações vivenciadas ao longo da vida, entre outros. Neil Nedley (2011) não acredita que esses sejam os fatores mais relevantes e defende que a maior influência sobre o QE vem daquilo em que se acredita. Isso acontece porque, em grande medida, as emoções são moldadas pelas crenças, que têm muito mais a ver com a maneira pela qual se sente do que com aquilo que realmente está acontecendo na vida.

O mesmo autor exemplifica com o episódio relatado na Bíblia em Atos 16:22-24, no qual Paulo e Silas são presos sem um julgamento justo e, no entanto, em vez de chorar e lamentar, eles são encontrados cantando louvores a Deus. Seus pensamentos eram mais poderosos do que o que realmente estava acontecendo na vida deles. Certamente, temos mais exemplos bíblicos que ensinam como se pode melhorar e proteger a inteligência emocional, a partir de variáveis que podem ser trabalhadas no cotidiano. Eis algumas delas: sentimento de culpa; pensamentos distorcidos e grosseiros da realidade; autoestima excessiva ou inflada; baixo senso de autoestima; profunda ansiedade; atitudes egocêntricas. Assim sendo, entende-se que os casais precisam desenvolver suas habilidades emocionais a partir dos pensamentos verdadeiros e corretos inspirados pela Bíblia e derivados da compreensão do plano que Deus tem para cada vida, ou seja, para os casais. Daí surge a importância de se resgatar os fundamentos bíblicos como a solução para a crise emocional.

As aptidões de uma pessoa emocionalmente inteligente

A Bíblia contém princípios que conduzem o ser humano a buscar um conhecimento mais profundo sobre si mesmo e sobre habilidades sociais, com a intenção de melhorar os relacionamentos. A seguir, serão apresentadas as aptidões da pessoa emocionalmente inteligente, segundo Goleman (2007), associadas a textos bíblicos que se relacionam diretamente com cada uma delas, conforme se verá pela amostragem abaixo.

Autoconsciência

Para Goleman (2007, p. 67), autoconsciência permite a reflexão objetiva sobre a própria situação, ou seja, é a aptidão de

reconhecer um sentimento quando ele ocorre. [...] As pessoas mais seguras acerca de seus próprios sentimentos são melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais.

135

Como, então, a autoconsciência pode ser desenvolvida e guiada? A exemplo de Salomão no livro de Provérbios — “Sobre tudo o que deve guardar, guarda o coração [a mente], porque dele procedem às fontes da vida” (Pv 4:23) —, é necessário ocupar nossa mente de forma que “todo o pensamento deve ser levado em sujeição à vontade de Deus e todo sentimento sob o domínio da razão” (GOLEMAN, 2007, p. 92).

Os capítulos 8 e 9 do mesmo livro de Provérbios tratam extensamente dos benefícios físicos, sociais e espirituais do desenvolvimento da sabedoria, que é fundamental para a percepção e identificação de emoções e sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Nas páginas do Novo Testamento, o livro de Tiago apresenta o caminho para alcançar essa sabedoria: “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida” (Tg 1:5). Alguns versos adiante, o apóstolo caracteriza mais detalhadamente: “A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento” (Tg 3:17).

Autocontrole

Ter autocontrole significa “ter controle sobre seu modo de reagir a situações ou pessoas” (BRADBERRY; GREAVES, 2007, p. 31).

A história de Jó pode ser um exemplo bíblico dos mais contundentes acerca do desenvolvimento do autocontrole frente a provações extremas. Diante da situação absolutamente deplorável que ela e, principalmente, o marido estavam atravessando, sua esposa lhe sugeriu com amargura que amaldiçoasse a Deus e morresse. Mas Jó lhe respondeu: “Como fala qualquer louca, assim falas tu. Receberemos o bem de Deus, e não receberemos o mal? Em tudo isso não pecou Jó com os seus lábios” (Jó 2:10).

Diferentemente de Jó, Elias pediu a Deus a morte (1Rs 19:4). Ao saber de sua condenação pela rainha Jezabel, o profeta entrou num estado profundo de depressão, mesmo depois de haver experimentado a intervenção miraculosa de Deus no monte Carmelo. Outro exemplo de autocontrole, mas numa situação bem diferente daquela de Jó, pode ser encontrada no Novo Testamento. Após realizar um grande milagre, o povo desejou coroar a Cristo como rei, mas, controlando suas emoções, ele recusou as honrarias e preferiu retirar-se (João 6:14-15).

A Bíblia menciona o domínio próprio como sendo “fruto do Espírito” (Gl 5:22 e 23). Outras passagens que podem ser mencionadas para exemplificar o uso do autocontrole são as seguintes:

Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens [...] não vos vingueis a vós mesmos, amados (Rm 12:17,19).

Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã (Tg 1:26).

Consciência social

É aquela que “compreende as emoções alheias, e, com frequência, capta os pensamentos e os sentimentos de outras pessoas” (BRADBERRY; GREAVES, 2007, p. 31). É alimentada pelo autoconhecimento, ou seja, quanto mais consciente uma pessoa estiver de suas próprias emoções, mais facilmente poderá compreender o sentimento dos outros. “A empatia gera altruísmo. As pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem” (GOLEMAN, 2007, p. 67).

Relaciona-se com essa forma de consciência a crença do cristão de que o universo está conectado, e que mesmo sendo criaturas únicas, com uma multiplicidade de diferenças e peculiaridades, temos o mesmo Pai. A diversificação é vista como positiva, tendo sido estabelecida pelo próprio Criador, embora Ele haja formado os seres humanos à sua própria imagem e semelhança. A chamada “parábola do bom samaritano”, registrada em Lucas 10:25-37, é um dos mais perfeitos exemplos de altruísmo na Bíblia. Nela, uma elevada capacidade de tocar-se pela dor alheia rompeu a barreira do preconceito e levou à ação. Apelo para o amor altruísta, capacidade de perdão e interesse pelo bem-estar do outro pode ser verificado em diversas outras passagens:

[...] amarás o teu próximo como a ti mesmo (Lv 19:18).

Antes sede bondosos uns para com os outros, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo (Ef 4:32).

Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros (Rm 12:10).

Se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos, mas não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso? (Tg 2:15 e 16).

Exortamo-vos também, irmãos, que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, sustenteis os fracos, e sejais pacientes para com todos (1Ts 5:14).

Administração de relacionamentos

É o resultado das três primeiras aptidões. “É ela que determina sua capacidade de perceber a si mesmo e os outros e de estabelecer interações com sucesso — garantia de uma comunicação clara, que o levará a abordar qualquer conflito de forma tranquila” (BRADBERRY; GREAVES, 2007, p. 32).

Uma pessoa que procura desenvolver a autoconsciência, o autocontrole e a consciência social, certamente se relacionará muito melhor com os outros. Segundo a Bíblia,

o amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não é orgulhoso. Não é rude, não é egoísta, não se irrita, não guarda rancor (1Co 13:45).

Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente (1Tm 5:8).

Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só. Se te ouvir, ganhaste a teu irmão (Mt 18:15).

Portanto encorajai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros, assim como de fato estais fazendo (1Ts 5:11).

Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. [...] Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Se alguém disser: Eu amo a Deus e odiar a seu irmão, é mentiroso. Pois aquele que não ama a seu irmão, a quem viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? (1Jo 3:18 e 4:8).

138

Apreciadas essas passagens no contexto das quatro aptidões sugeridas pela psicologia quanto à inteligência emocional, percebe-se que elas não conflitam com os princípios bíblicos, havendo mesmo, nesse caso específico, uma correspondência entre a Psicologia e a Bíblia para servir ao desenvolvimento da inteligência espiritual e emocional numa compreensão bíblica. São muito significativas, a esse respeito, as palavras de Mark Baker (2005, p. 6):

Descobri que tanto a psicologia, quanto a teologia me ajudam a aprofundar o conhecimento uma da outra. Fico sempre admirado ao constatar como os pontos de concordância entre os princípios espirituais e os emocionais podem favorecer a saúde tanto emocional, quanto física. As concordâncias têm me impressionado.

De acordo com essas reflexões, é possível sugerir que o uso dos conceitos da inteligência emocional, fundamentados e aperfeiçoados pela inteligência

espiritual, podem desenvolver aptidões capazes de estabelecer, administrar, restaurar e conservar relacionamentos saudáveis, tanto na vida conjugal, quanto na educação dos filhos, no trabalho, bem como em outros espaços sociais.


Casamento cristão: o desafio de transformar a teoria em prática

Acerca do casamento cristão, Chapman (2008, p. 34) afirma que ele “só voltará a ser atrativo para o mundo secular quando começarmos a levar a sério os padrões bíblicos para o matrimônio”. Em conformidade com esse pensamento, Köstenberger (2011) adverte que se os cristãos desejam mostrar ao mundo, por meio do casamento, como o seu Deus é bom e glorioso, precisam, para a glória de Deus e para o próprio bem, conscientizar-se de que estão em uma batalha espiritual, para a qual são necessárias armas espirituais:

Não há dúvidas de que a batalha espiritual em torno do casamento e da família é uma realidade e a consciência desse conflito, bem como a aptidão para lutar nele, são fundamentais. É essencial, portanto, considerar os ensinamentos bíblicos sobre casamento e família e sobre a batalha espiritual de forma integrada (KÖSTENBERGER, 2011, p. 159).

Somente então os casamentos cristãos refletirão a imagem e o plano do criador. Pois, em última análise, o alvo correto do casamento não é apenas a realização e satisfação humana, mas também a glória de Deus (KÖSTENBERGER, 2011, p. 165).

O autor conclui que ignorar essa realidade é colocar-se em risco, pois são os relacionamentos humanos que têm o maior potencial de mostrar ao mundo a natureza da relação entre Cristo e sua igreja. Fazem parte do cotidiano de qualquer casal as situações que tornam necessário o uso, por exemplo, da valorização pessoal e do outro; da autocompreensão e compreensão dos sentimentos do outro; do controle das emoções; do perdão; da comunicação; do gerenciamento de crise e da reconciliação.

A partir dos pressupostos teóricos analisados sobre a inteligência emocional e inteligência existencial/espiritual, bem como as quatro aptidões de uma pessoa emocionalmente inteligente, abordadas por Goleman (2007), confrontadas com os princípios bíblicos análogos, pode-se sugerir a possibilidade de que os casais emocionalmente e espiritualmente inteligentes terão mais chances em alcançar um maior índice de satisfação conjugal. 

Referências

BAKER, M. **Jesus: o maior psicólogo que já existiu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BRADBERRY, T.; GREAVES, J. **Desenvolva a sua inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

CHAPMAN, G. **Agora você está falando a minha linguagem**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

_____. **O casamento que você sempre quis**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

EMMONS, R. A. Is spirituality an intelligence? Motivation, cognition, and the psychology of ultimate concern. In: **The International Journal for the Psychology of Religion**, v. 10, n. 1, 2000.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2007.

140 _____ . Entrevista. **Jornal Mundo Jovem**, PUCRS, n. 405, Porto Alegre, abr. 2010. Disponível em: <http://bit.ly/THpKiD>. Acesso em 15/08/2012.

_____. Entrevista. **Época**, Rio de Janeiro, 12 mai. 2009. Disponível em: <http://glo.bo/TMcSoz>. Acesso em 5 jul. 2012.

_____. **“In a Nutshell”: multiple intelligences**. [s. l.]: New Horizons, 2001. Disponível em: <http://bit.ly/Vz81fB>. Acesso em 13/09/2012.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

KÖSTEMBERGER, A. **Deus, casamento e família: reconstruindo o fundamento bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

NEDLEY, N. Inteligência emocional: uma compreensão bíblica. **Diálogo Universitário**. v. 2, n. 23, p. 5-9, 2011.

PAVÃO, S. M. O. **Competência emocional: um enfoque reflexivo para a prática pedagógica**. Tese (Doutorado em Educação). Universitat Autònoma de Barcelona. Programa de doutorado innovació e sistema educatiu. Bellaterra, Espanha, 2003.

RABELLO, M. C. **Inteligência espiritual**: a nova dimensão para a vida plena. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

REIS, C. H. O coração e a inteligência emocional: o equilíbrio afectivo protege o coração e pode salvar a vida. **Arquivos de Medicina**, v. 19, n. 4, p. 169-163, 2006.

ZOHAR, D. **QS**: Inteligência espiritual. São Paulo: Bloomsbury, 2008.

Enviado dia 03/05/2011

Aceito dia 21/06/2011

